

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE MAIO DE 1995

Ao agradecer as palavras do Senador Espiridião Amin e o apoio manifestado pela bancada do PPR através das lideranças, a começar pelo Líder Dornelles, e a todos os demais líderes e participantes desta bancada, aqui presentes, queria dizer que, para mim, é um ponto significativo, é uma marca significativa, o fato de estarmos conseguindo, efetivamente, juntar todos aqueles que sentem a angústia do momento.

O PPR chama-se Partido Progressista Reformador. Ora, um partido que é progressista e reformador tem que se juntar à bandeira das reformas progressistas que nós estamos enviando ao Congresso. É natural que assim seja. É uma convergência que tem que ser explicitada, como está sendo explicitada agora, neste momento.

Dirigi-me muitas vezes ao País pedindo apoio da forma mais direta que posso, pedindo apoio à população, como faço sempre, e pedindo apoio aos representantes do povo no Congresso. E me dirigi especificamente ao PPR porque, neste momento, todos nós estamos percebendo que há vontade, no País, de modificar as coisas, há vontade no Governo, e isso precisa ter uma fórmula política que permita que se avance com

tranqüilidade no sentido das reformas, pensando sempre nos seus objetivos, e não em interesses menores.

Tive algumas conversas com os Líderes do Partido. Quero deixar bem claro aqui que o que foi dito pelo Senador Amin foi-me dito particularmente também; quer dizer, o apoio em função dos objetivos, apoio este que o Governo aceita com entusiasmo e que considera, como bem colocou o Senador Amin, que não se trata apenas de pedir o voto, mas se trata de pedir a cooperação na definição do que seja melhor para o nosso País. Portanto, uma relação muito aberta, muito democrática, que não tem nada a esconder da opinião pública nem de ninguém.

Quero também expressar a minha confiança neste momento que nós estamos vivendo. Acho que a votação de ontem foi uma marca significativa e que o País realmente está apoiando as transformações, está sentindo que este é o momento. Até diria que estamos um pouco atrasados. Tivesse sido possível fazer essas reformas há algum tempo, teria sido mais fácil, porque a conjuntura internacional era mais favorável. O Senador Roberto Campos, mais de uma vez, notou esse fato, que nós devíamos andar com mais velocidade para aproveitar o momento.

Ainda há possibilidades boas. Acho até que, nas últimas semanas, foi restabelecido um certo clima de confiança, que nós não podemos agora perder.

Então, esse sentimento agônico – é importante que se tenha – é agora. Não é para fazer reforma daqui a um ano: é fazer reforma agora, porque nós já perdemos muito tempo, e perder tempo significa menos emprego, mais injustiça na sociedade, mais dificuldade em atrair recursos para que o Brasil possa progredir, menor ênfase nos aspectos tecnológicos, que são tão importantes para o desenvolvimento futuro. Então, é já. Acho que o Congresso – até quero aproveitar a oportunidade para lhe agradecer também – está avançando com velocidade nessa direção, dentro do possível.

Recentemente, li um artigo sobre o Brasil no *The Economist*, onde se faz uma comparação com as reformas na Inglaterra e aqui; e disse: “Olha, a Inglaterra foi mais lenta, não é?” Às vezes, perdemos um pouco a noção da complexidade das transformações que estamos empen-

dendo no Brasil, porque são muitas e simultâneas, e o Congresso tem respondido a isso, tenho certeza de que vai continuar a responder.

Quero repetir o que disse a outros parlamentares nestes últimos dias: o Governo sabe perfeitamente que, numa democracia, não se pode tentar fazer descer goela abaixo de um Congresso uma decisão, sobretudo em matéria constitucional, em que ou não há convergência, ou não há base efetiva de sustentação.

Então, o apoio que recebo agora, que o Governo recebe, é um apoio recebido também com esse espírito. Quer dizer, não é um apoio para fazer tudo o que o Governo quer, mas é para que nós, juntos, façamos tudo aquilo de que o País precisa, e isso nós vamos fazer. Isso nós vamos fazer.

Também quero dizer que, em relação à preocupação com a agricultura, com o setor agrícola, que foi expressa pelo Senador Amin nesta mesma sala, eu disse há cerca de um mês que essas preocupações eram do Governo e também minhas, como Presidente da República e como pessoa que conhece a matéria, porque fui Ministro da Fazenda, e essa questão vem nos atormentando a todos há muito tempo.

Então, nós vamos resolver, está na hora de resolver. Para isso, precisamos de cooperação e precisamos, também, de soluções, mas de soluções que levem em consideração as possibilidades, e não que imponham; nem um lado pode dizer “não, não faço nada”, nem o outro pode dizer “eu quero tudo”. Tem que haver aí também um entendimento.

É com esse espírito, Senador Espiridião, Senhores Senadores, Senhores Deputados, que nós estamos, com muito júbilo mesmo, recebendo esta manifestação de apoio, e isso revigora em mim a convicção e a determinação para que possamos, em prazo breve, terminar esse processo de reforma.

“Terminar” é uma expressão até equivocada, porque nós vamos ter que continuar reformando este país por muito tempo. É um processo, não é um ato. Não é “votou e fez”: é um processo. Mas é terminar de construir, digamos, o ponto de partida desse processo, porque, enquanto eu for o Presidente da República, continuarei pedindo mais mudanças, mais reformas. Realmente, acho que um governo, hoje em dia, tem que estar sempre se adaptando e procurando remover obstáculos para

um desempenho melhor, tanto da nossa economia como, sobretudo, da nossa sociedade.

É para essa caminhada em conjunto que nós estamos aqui, hoje, preparando as bases para a largada. E espero que – não só pelas reformas constitucionais, mas também pelas medidas que vamos ter que tomar, em consequência das reformas constitucionais, para adaptar a legislação aos desafios do mundo contemporâneo – nós possamos estar, então, nesse tempo todo, em perfeita sintonia.

Muito obrigado a todos.